

A LEI 10.639/03 E A OFICINA DE FOTOGRAFIA: NOTAS SOBRE UM EXPERIMENTO IMAGÉTICO PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

LAW 10.639/03 AND A PHOTOGRAPHY WORKSHOP: NOTES ON A IMAGETIC EXPERIMENT FOR ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS

 <https://orcid.org/0000-0001-7639-6994> Cristiano Cardoso ^A

 <https://orcid.org/0000-0002-6120-554X> Maria Alice Rezende Gonçalves ^B

Secretaria Municipal de Educação (SME), Rio de Janeiro, RJ, Brasil ^A
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil ^B

Recebido em: 26 fev. 2023 | **Aceito em:** 30 jul. 2023

Correspondência: Cristiano Cardoso (cristiano.cardoso@gmail.com)

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma oficina de fotografia, um experimento imagético de caráter pedagógico para a implementação da lei nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nos currículos da educação básica brasileira. Esse experimento foi desenvolvido em um Núcleo de Arte da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Adotamos como procedimento metodológico as rodas de conversa com debates sobre a fotografia memória do negro brasileiro e a realização de exercícios práticos com o uso de máquinas fotográficas, incluindo câmeras de celulares. Tomamos como referências sobre fotografia e educação os seguintes teóricos: Roland Barthes, Walter Benjamin, Susan Sontag, André Rouillé, Lilia Schwarcz, Flávio Santos Gomes e Maria Alice Resende Gonçalves e Vinicius Pereira. Concluimos que a oficina despertou grande interesse entre os alunos pelo fato de a fotografia fazer parte da vida cotidiana, seja em brincadeiras ou para registrar momentos vividos que os emocionam. Nossos alunos tiveram a oportunidade de conhecer a produção imagética de fotógrafos negros ou não negros que contam a história e a cultura do negro brasileiro, além de terem a possibilidade de questionar e refletir sobre suas próprias experiências na produção de imagens e sobre as relações raciais estabelecidas na unidade escolar e na sociedade.

Palavras-chave: Ensino fundamental; lei nº 10.639/03; relações étnico-raciais; fotografia.

Abstract

This article aims to present a photography workshop, a pedagogical imaging experiment for the implementation of law nº 10.639/03, which makes the teaching of Afro-Brazilian and African history and culture mandatory in the curricula of Brazilian basic education. This experiment was developed in an Art Center of the Municipal Secretary of Education of Rio de Janeiro. We adopted as a methodological procedure the conversation circles with debates on the memory photography of the Brazilian black and the performance of practical exercises with the use of cameras, including cell phone cameras. We take as references on photography and education the following theorists: Roland Barthes, Walter Benjamin, Susan Sontag, André Rouillé, Lilia Schwarcz, Flávio Santos Gomes and Maria Alice



Resende Gonçalves and Vinicius Pereira. We concluded that the workshop aroused great interest among students due to the fact that photography is part of everyday life, whether in games or to record moments lived that move them. Our students had the opportunity to get to know the image production of black and non-black photographers who tell the history and culture of black Brazilians, in addition to having the opportunity to question and reflect on their own experiences in the production of images and on established racial relations. in the school unit and in society.

Keywords: Elementary school; law 10.639/03; ethnic-racial relations; photography.

Introdução

A lei nº 10.639/03 se inscreve em um conjunto de políticas tomadas pelo sistema de ensino brasileiro, conhecidas como políticas de ações afirmativas. No ensino básico, desde 2003, foi implantada a referida lei que busca introduzir nos currículos escolares a cultura e a história afro-brasileira e africana. No ensino superior e na pós-graduação, as políticas inclusivas destinam vagas nas universidades para grupos sub-representados, entre os quais encontram-se os afro-brasileiros. No entanto, ainda enfrentamos problemas no que diz respeito à implementação da lei nº 10.639. Os avalistas da implementação da lei consideram que ainda carecemos de ações destinadas à formação continuada de docentes, recursos orçamentários, equipamentos pedagógicos, investimentos materiais na infraestrutura das escolas que atendem a populações mais pobres e negras, divulgação e difusão de experiências exitosas, entre outros procedimentos pedagógicos.

Theodoro (2022, p. 223) atribui a negligência por parte das escolas, sobretudo as privadas, ao racismo presente nas salas de aula, que ocorre, muitas vezes, de forma indireta e, de certo modo, até automatizada no comportamento de parcela considerável dos educadores: diretores de escola, professores e outros profissionais da educação. Segundo esse autor, trata-se da microfísica do racismo, que o racismo se manifesta nas pequenas práticas da vida cotidiana, assim, a escola não seria uma exceção. O racismo é produzido de forma silenciosa, não declarada, mas reproduzida, sem que demos conta de sua existência. Isso explica o paradoxo da imagem do Brasil como um país não racista, mas ainda constatamos a presença de práticas racistas em vários âmbitos de nossa sociedade. No tocante aos experimentos exitosos, contamos com as iniciativas e criatividade de alguns educadores. Tomaremos, como exemplo, a oficina de fotografia descrita neste artigo.

Sobre a fotografia

As reflexões sobre os usos dos aparelhos fotográficos não são novidades nos estudos sociais. Na década de 1930, o historiador Walter Benjamin (2012) já apontava alguns possíveis impactos da fotografia na sociedade da época, principalmente aquelas advindas das transformações que as imagens técnicas estavam trazendo para a vida das pessoas. Como exemplo, o empobrecimento nos processos da vida cotidiana. Benjamin apontava que as formas das pessoas se relacionarem com as obras de arte e a relação delas com as outras se modificaram a partir da introdução da técnica, ou seja, da fotografia como técnica de popularizar os registros imagéticos, atingindo as relações do homem com a arte e com os outros homens. Além de destacar o fato de a fotografia banalizar o acesso às imagens, Benjamin ressalta o fato de ela se tornar acessível a todos, incorporando-se à vida cotidiana.

Na década de 1980, Susan Sontag (2004) apresentou transformações nesse sentido, no livro “Sobre a fotografia”, no qual discutiu como o processo de massificação do aparelho fotográfico estava transformando a relação das pessoas com outros e com a própria dor. Essa massificação ocorreu pelo barateamento dos aparelhos fotográficos e a forma cada vez mais automatizada do ato de fotografar, que foi possível devido ao surgimento das câmeras com recursos automáticos. Nesse texto, a autora chegou a falar que naquele momento mais pessoas estavam fotografando, como atividade recreativa, do que fazendo sexo.

Sobre o recurso da fotografia “automática”, Vilém Flusser (2011) deixou sua contribuição ao questionar se nós estamos usando a máquina para fotografar ou se a máquina nos usa, tendo em vista que quase todas as escolhas eram realizadas pelas câmeras fotográficas. Impassível a esse discurso, pudemos observar, próximo temporalmente, um novo momento de massificação da fotografia, por meio dos *smartphones*, que são pequenos aparelhos fotográficos que podem reunir a função de celular, calculadora, mapa, câmera, entre outras aplicações.

Na escola também conseguimos observar esse processo de aumento da presença da fotografia na vida das pessoas, sejam elas profissionais do estabelecimento de ensino ou os próprios estudantes. Somando a esse processo de registrar, os atuais *smartphones* também podem, em poucos cliques, compartilhar as imagens com outras pessoas, estando elas presentes ou não, seja por aplicativos de mensagens diretas ou por redes sociais de fotografia e imagens.

Observando a maior relevância do ato de fotografar, foi pensado que a fotografia poderia ser um importante mobilizador para a realização de uma oficina que envolvesse

imagem, representação e a lei nº 10.639, tendo em vista que a temática e a valorização da cultura africana ou afro-brasileira ainda precisa ser muito trabalhada nas escolas e em outros espaços de educação no que se refere ao combate contra o racismo.

Neste artigo, trataremos sobre a implementação de uma oficina de fotografia em um Núcleo de Arte da cidade do Rio de Janeiro, para a implementação da lei nº 10.639/2003. Nesse sentido, apresentamos inicialmente uma reflexão sobre essa lei; na segunda seção do texto, apresentamos o trabalho de campo, que foi uma oficina de fotografia; em seguida, concluímos o artigo.

Primeiros cliques: a implementação da lei nº 10.639/03

Em 2003, como forma de criar mais um instrumento de combate ao racismo na sociedade brasileira, foi promulgada a lei nº 10.639/03 que trata sobre a obrigatoriedade do ensino da cultura e história africana e afro-brasileira nas escolas. Apesar de estudos indicarem o caráter positivo dessa lei (GOMES; JESUS, 2013; GONÇALVES; PEREIRA, 2013), podemos observar trabalhos de bastante qualidade sendo realizados nas escolas de ensino fundamental e médio (GOMES; JESUS, 2013).

A implementação da lei ainda enfrenta uma série de problemas no dia a dia das escolas, devido a poucos professores realizarem trabalhos com as temáticas que atendem à lei. Além disso, a falta de formação dos profissionais de ensino em relação à temática africana e afro-brasileira também ocasiona um conjunto de trabalhos que, muitas vezes, reforçariam estereótipos ou até mesmo o esvaziamento do caráter étnico das atividades culturais e simbólicas afro-brasileiras (GONÇALVES; PEREIRA, 2013). Esses problemas acabariam ocasionando o baixo impacto das atividades escolares no combate ao racismo na sociedade brasileira. Para dificultar ainda mais esse processo, há relatos de professores informando a dificuldade em trabalhar com elementos da cultura africana – como religiosidade – na escola, devido à perseguição de responsáveis e familiares dos alunos.

No que tange à relação da fotografia e a lei nº 10.639, podemos afirmar que existe atualmente um conjunto de intelectuais que questionam a forma como os negros são representados na televisão, no cinema e na fotografia. O pesquisador e cineasta Joel Zito Araújo (2018) chamou atenção para essa invisibilidade, problematizando a falta de personagens negros como protagonistas nas novelas, sendo deixados para esses atores um

conjunto de papéis subalternos na história, como personagens ligados ao crime ou empregados, como faxineiras ou motoristas.

Na fotografia, processos parecidos aconteciam em várias frentes – tais como nos ensaios de moda –, com a exclusão de modelos negros também nas fotografias documentais, no retorno da documentação do negro, como relegado ao eterno posto de indigência. As questões também não são das melhores quando pensamos a relação da imagem dos negros pela fotografia ou pelo cinema, pois muitas dessas imagens são representações imagéticas do negro como um outro, de forma superficial e preconceituosa.

De forma geral, outro problema enfrentado na implementação da lei nº 10.639, muitas vezes está na discriminação existente em relação a vários aspectos da cultura africana ou afrodescendente, seja no campo religioso ou da cultura como um todo, e isso se reflete nas representações visuais e audiovisuais do negro de modo geral.

A oficina de fotografia

A oficina de fotografia¹ foi pensada metodologicamente da seguinte forma: por meio de rodas de conversa, aproveitando os interesses dos alunos, realizando apresentações de fotografias que pudessem inspirá-los, como referência visual e temática, trabalhos que tivessem o negro como personagem principal, de preferência, valorizando esses personagens.

A oficina de fotografia foi realizada com os alunos primeiro segmento do ensino fundamental de um Núcleo de Artes, localizado no bairro de Copacabana, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro e teve como principal objetivo discutir a implementação da lei nº 10.639/03, por meio da leitura apreciativa e crítica de fotografias. No primeiro momento, como forma de sensibilização, foram apresentados os seguintes ensaios dos fotógrafos negros ao grupo de alunos: Eustáquio Neves², Lita Cerqueira³, Seydo Keita⁴. Para o desenvolvimento das oficinas nessas etapas, o foco foi provocar duas dimensões para o tema abordado: 1ª) a partir da apresentação de imagens, a fim de despertar o olhar para o outro, no caso, o negro;

¹ A oficina aconteceu duas vezes por semana, com duração de uma hora e vinte minutos por dia. A participação dos alunos foi livre, não existindo filtro em relação a questões étnico-raciais. Realizaram a inscrição alunos que se indentificaram como pretos, pardos e brancos. O único filtro para a inscrição dos alunos foi referente à idade mínima de 10 anos de idade.

² Ver as fotografias de Eustáquio Neves na Enciclopédia Itaú Cultural, disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa14337/eustaquio-neves>.

³ Ver as fotografias de Lita Cerqueira na página da fotógrafa, disponível em: <https://litacerqueira.com/>

⁴ Ver as fotografias de Seydo Keita no site do Instituto Moreira Salles, disponível em: <https://ims.com.br/2018/06/05/seydou-keita-mais-sobre-exposicao-2/>

2ª) chamar a atenção para esse outro, o negro, como autor e produtor de cultura, a partir de sua identidade.

As etapas da oficina não se construíram aleatoriamente, mas são fruto tanto do processo de formação do professor Cristiano Cardoso como fotógrafo, da atuação dele como professor da rede pública municipal de ensino há quase vinte anos. Transitar por esses distintos lugares evidenciou a ausência de representações positivas de negros e de intelectuais negros em espaços de reconhecimento na fotografia e na educação, provocando-me a buscar estratégias para articular essas esferas nos espaços educativos. No contexto desta pesquisa, essa articulação se faz no entrecruzamento dos negros na fotografia, da implementação da lei nº 10.639/03 e pelo olhar desse grupo de estudantes.

Nessa oficina, consideramos a importância do manuseio da máquina fotográfica, o reconhecimento das funções das câmeras, as questões estéticas e partimos da percepção de que boa parte dos alunos frequentadores do núcleo já tinham o costume e a possibilidade de produzir fotografia, a maioria por meio dos celulares – repetindo uma tendência no cotidiano das cidades. Partindo disso, a oficina não focou na necessidade da produção dos alunos ou no incentivo à produção de imagens, tendo em vista o reconhecimento de que esses alunos já atuam, em certa medida, como produtores de imagens de seu cotidiano – e, apesar de a escola poder focar nessa questão, não precisariam do estabelecimento de ensino como incentivador da produção fotográfica.

Como objetivo, a oficina buscou contemplar a possibilidade de apresentar um conjunto de fotografias e, a partir delas, conversar sobre temas ligados à fotografia, história da fotografia e a questão étnico-racial – como o seu surgimento, questões de representação do outro, e de poder, focando principalmente na alteridade e nos discursos. Para tanto, foram propostas aulas mais expositivas do que práticas, com a apresentação de imagens, texto e vídeos, para então possibilitar uma conversa sobre os temas em questão. A proposta da oficina buscou relatar um experimento para o ensino fundamental que tratasse do uso da fotografia como recurso pedagógico no processo de implementação da lei nº 10.639/03. Nos debates, tratamos a fotografia contextualizada em uma série de referências da diáspora negra, seja como objeto do olhar de um fotógrafo não negro – muitas vezes europeu –, seja com o de fotógrafos negros, destacando a apresentação, interpretação e representação de imagens produzidas por fotógrafos e seus usos no processo de implementação da referida lei.

As oficinas aconteceram nos meses de novembro e dezembro de 2018 e contaram com a participação de 8 alunos no horário da manhã, das 10h10 às 11h30. As atividades foram realizadas na sala de vídeo, que contava com um material mais próximo às necessidades da atividade, como os dois computadores e uma televisão LCD 32 polegadas. Era na televisão que apresentávamos o material visual e audiovisual preparado para as oficinas. Em alguns casos, as máquinas fotográficas eram do Núcleo de Arte e os celulares eram de propriedade dos alunos.

A maior parte da oficina foi organizada de forma expositiva. Foram exibidos alguns ensaios sobre autores de fotografia, elaborados a partir de referências da internet e de livros, com o objetivo de suscitar alguns debates sobre a temática da fotografia afro-diaspórica. A ementa tratava principalmente com uma introdução expositiva sobre a criação da fotografia, como: (1) sua história (como o caso das múltiplas criações desse aparelho da máquina fotográfica, os usos das imagens como forma de contar a história sobre o outro e a relação de poder); e (2) a estética da imagem, utilizando como referencial principal os negros e a fotografia, e como essa relação também está fortemente ligada com a história da fotografia, e como alguns fotógrafos têm atuado para questionar e subverter uma forma de relatar e dominar o mundo.

Apesar de não ser o escopo principal do experimento, os alunos também tiveram momentos em que puderam produzir imagens a partir das conversas em sala de aula. Algumas dessas produções foram desenvolvidas nos próprios celulares deles, algumas realizadas antes da oficina e apresentadas como uma contribuição deles para o debate sobre os aparelhos fotográficos. Quanto ao aparelho, foi constatado nesse processo que boa parte dos alunos tinha seus próprios celulares com câmera, além do acesso a alguma rede social na qual frequentemente publicavam imagens. Poucos alunos não tinham um aparelho próprio, mas nesses casos relataram que tinham contato com a câmera fotográfica por meio de parentes próximos, como pai, mãe, avós ou tios. Para esses alunos, no caso de interesse em fotografar no núcleo, a câmera da oficina ficou à disposição deles.

Na primeira roda de conversa, após me apresentar, solicitei que cada aluno falasse sobre o interesse na oficina de fotografia. A maior parte dos alunos falou algo parecido com o que uma das alunas, a Juliana, disse: “Eu gosto muito de fotografar. Quando vi essa oficina decidi fazer a inscrição, e como já estava inscrita em outras oficinas eu só precisaria ficar por aqui para fazer essa também.” Mas existem casos de dois alunos que informaram que gostam de fazer produções com imagem, apesar de serem produções de vídeo. Eles acreditavam que a fotografia poderia ser uma experiência interessante: “Eu gosto muito de produzir vídeos, e tenho um canal no YouTube, no qual coloco fotografias e vídeos de atividades que eu faço”. Enquanto

falava, ele pegou o celular para mostrar um canal do YouTube. No canal, um boneco verde, criado em um programa de desenho, estilo Microsoft Paint¹, apresenta a rotina do menino. No vídeo que ele abriu, ele fala sobre um passeio com a família na “árvore da Lagoa”⁵. (Caderno de Campo, 2018).

Outro aluno também relatou que produz pequenos vídeos, gravações que ele coloca no Instagram, mas ele não fez questão de mostrar nesse primeiro momento. Apareceu quem gostava de fotografia e também uma pessoa que falou que estava ali por causa do interesse da mãe na oficina. A maioria dos alunos disse que estava fazendo a oficina porque gostava de fotografar e acreditava que ali seria um espaço bom para isso, mas eu considerava que a oficina poderia surpreender um pouco.

Nas atividades introdutórias, em um total de cinco encontros, abordamos de forma mais geral certas temáticas ligadas aos interesses deles no ato de fotografar e foi solicitado que cada um levasse alguma fotografia realizada por eles e que comentassem a experiência em relação à técnica. Em outra atividade que promovi, trouxe apresentações sobre aspectos estéticos e a história da fotografia, além da chegada⁶ da técnica no Brasil.

Após o momento de exposição das imagens dos alunos e de suas falas, informei sobre a proposta de trabalhar com fotografias de manifestações de identidade negra. A ideia era abordar principalmente fotógrafos negros, mas também os outros grupos que fotografam os negros. Sobre a temática da oficina, um dos alunos questionou: “Aqui na sala quase não temos alunos negros, por que precisamos trabalhar essa temática na oficina de fotografia?” Em resposta, reconheci que, apesar de entender a importância do questionamento dele, parecia importante trabalhar temáticas como essa, ainda mais por estarem ligadas a questões que se não me afetam diretamente, provavelmente outras pessoas são afetadas por elas.

Sabendo da temática da oficina, a aluna Thainá informou que outras oficinas do núcleo também trabalham sob a mesma ótica: “Meu primo faz aula de dança aqui no núcleo, ele tem aula de *funk*, *break* e *hip-hop*. A professora sempre fala sobre a história da África, negritude e escravidão.” A professora em questão é a Cacau, apelido de uma professora que, quando comentei sobre o episódio, confirmou o que a estudante mencionou. Ela me explicou que sobre a cultura do *hip-hop*, o movimento não está desvinculado da história de vida do grupo e, consequentemente, de um posicionamento político.

⁵ Árvore da Lagoa – árvore de Natal montada na Lagoa Rodrigo de Freitas, anualmente, quando aproximam-se as festas de fim de ano.

⁶ Sobre a criação da fotografia, foi informado aos alunos que no Brasil também aconteceram experimentos que resultaram em práticas de fotografia em Campinas, interior de São Paulo, pelo inventor Hercule Florence.

Para iniciar as atividades sobre os negros na fotografia, introduzi o assunto com o vídeo “O perigo da história única⁷, da escritora nigeriana Chimamanda Adichie⁸, no qual relata sobre o perigo dos discursos hegemônicos e como eles acabam construindo verdades sobre os outros povos, trazendo a experiência dela. Na atividade, foi destacado que boa parte das fotografias que conhecemos sobre os negros no Brasil foram tiradas por viajantes ou fotógrafos brancos, europeus ou herdeiros de uma tradição eurocêntrica, com pouco pertencimento ou vinculação com a cultura e a história africana ou afrodescendente. Nesse caso, poderíamos incluir os fotógrafos Christiano Júnior – açoriano, que atuou como fotógrafo no Brasil na segunda metade do século XIX – e Marc Ferrez, fotógrafo brasileiro de origem francesa, que atuou no Brasil entre o final do século XIX e início do século XX.

A partir do vídeo da escritora nigeriana, uma aluna declarou o seguinte: “A fotografia tem muita força para contar histórias, podendo criar narrativas boas ou ruins sobre as pessoas. As redes sociais são um exemplo disso.” Outro aluno complementou que, na opinião dele, as redes sociais serviriam mais para falar bem da própria pessoa: “Então, se a pessoa tem um Instagram, quando ela posta alguma coisa, ela coloca coisas legais que está fazendo, ninguém coloca as coisas ruins. As derrotas ninguém quer mostrar.”

Como as fotografias de Christiano Júnior podem representar o outro? Quando perguntei se os alunos queriam dizer alguma coisa sobre o assunto, ouvi o seguinte: “As fotografias são muito bonitas. Olhando para elas, sem saber a questão dos negros escravizados e tal, não teria achado nenhum problema nelas.” Realmente estas fotografias não seriam um problema, caso não expusessem algum grupo ou período crítico da nossa sociedade. Como salienta Schwarcz (2018), a ideia não é analisar se essas imagens foram feitas por racistas ou não, por pessoas boas ou não, mas compreender como elas foram inseridas dentro de uma sociedade escravocrata. Os fotógrafos não foram críticos às condições nas quais os negros estavam submetidos, escravizados, ou seja, eles estiveram dentro desse sistema, sem questionar essas questões. Suas imagens ainda circularão, mas não podemos abordá-las sem questionar esse ponto ou mais do que isso, compreender que quando precisamos trazer essas imagens é necessário problematizar as relações de poder que estavam envolvidas.

Sobre as fotografias em questão, uma das alunas chamou atenção para o fato de não existirem fotografias nas quais os negros estão em situações mais informais: “Uma das coisas que penso quando vejo essas imagens são nas caras sérias que as pessoas fazem para a

⁷ “O perigo da história única” está disponível na internet nas plataformas Youtube e TEDx.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>. Acesso em: 20 ago. 2018.

fotografia, a postura que estão nas fotos.” Apesar de reconhecer aspectos técnicos da fotografia que poderiam influenciar isso, realmente a seriedade e a necessidade de uma postura mais firme podem ser de uma dupla necessidade: a de ficar um longo período parado em frente ao aparelho fotográfico devido às exigências técnicas que a fotografia demandava, e de, talvez, ter que ficar posado para um ato que não era do seu interesse, mas de outras pessoas. Uma imposição devido ao seu local diante do outro.

Somando-se a isso, a fala da aluna que apontava para a beleza das imagens pode nos levar a refletir sobre a fotografia, pois a técnica não anuncia muitas coisas. Nas imagens, vemos mulheres e homens negros, alguns muito bem vestidos e outros não tão bem vestidos assim, mas posados com objetos e instrumentos de trabalho. Em sua maioria como forma de construção de material visual para o comércio entre os viajantes ou arquivos dos seus proprietários⁹.

Mas, se por um lado existiam essas desigualdades de força na relação, as resistências também aconteciam, como nos casos dos negros fotografados que saíam do papel pensado para eles, conforme os exemplos das imagens do senhor com os escravos, de Militão Azevedo, e da fotografia de autoria desconhecida.

Alguns alunos disseram que as imagens eram muito bonitas, um aluno informou que já tinha visto uma delas na escola. Apesar de não mostrarem, estavam retratando pessoas negras que viveram em realidade muito violenta, que foi o sistema escravocrata: “Eu já vi algumas dessas imagens, uma das coisas que o professor comentou que eu sempre lembro é a questão dos pés descalços e calçados, os negros que usavam sapatos eram negros tinham sido libertados.” (Pedro¹⁰).

O que o Pedro relata mostra, no nosso caso, que para interpretar, compreender uma fotografia, precisamos de um conjunto de saberes compartilhados socialmente. Talvez uma pessoa que não saiba da escravidão não tenha como trazer uma referência sobre um detalhe da fotografia, que poderia fazer toda a diferença para a compreensão de parte desse material. Para Roland Barthes (2015), o nosso interesse pela fotografia e a interpretação que temos dela diz respeito às questões subjetivas das pessoas que observam a técnica.

Quando observamos uma fotografia, duas questões estariam influenciando nosso interesse por elas: (1) os elementos de compartilhamento de referências gerais que, nesse caso, seriam o conhecimento de elementos para entender do que se trata a fotografia, ou seja,

⁹ Conforme dados sobre a bibliografia de Christiano Junior, da Enciclopédia Itaú Cultural, visualizada em 2017.

¹⁰ Todos os nomes citados no artigo são fictícios.

um conjunto de saberes sociais compartilhados entre um grupo que possibilita que compreendamos uma imagem; (2) a referência a questões ligadas à história de um país e de um povo, podendo ser compreendido também como um testemunho histórico, político ou cultural. Esse fenômeno foi indicado por Barthes (2015) como “*studium*”. “É pelo *studium* que me interesse por muitas fotografias, quer as receba como testemunho político, quer as aprecie como bons quadros históricos.” (31). Em contrapartida, para o autor, nessas questões sociais existiriam aspectos mais pessoais que estariam ligadas ao caráter mais subjetivo da fotografia.

Nos encontros seguintes, foram apresentados ensaios de fotógrafos, como Pierre Verger e José Medeiros, pensando os debates sobre os negros no Brasil, principalmente nas obras que têm como referência os negros atuando em religiões de matrizes africanas e em outros espaços da vida social. Esses fotojornalistas colaboram com a construção da forma como parte da sociedade brasileira entendia os negros, as festividades e a religiosidade afro-brasileira. Apesar dos dois fotógrafos em questão trabalharem temas variados, desde costumes, trabalho e religiosidade, por circunstâncias diferentes acabaram sendo importantes e simbólicos com seus trabalhos. Foram as fotografias de Medeiros que nos apresentaram os debates mais difíceis sobre os negros na fotografia, resultando em um processo de estranhamento muito forte por parte dos alunos.

Essas fotografias trazem imagens da macumba. Na escola, tinha uma menina na minha turma que um dia foi num centro desses. Depois, quando ela estava lá, deu algum problema e ela precisou permanecer para resolver. Isso somente resolveria com ela ficando lá. Eu nem sabia que ela frequentava. (Débora).

Diretamente, acabei perguntando se alguém tinha alguma dúvida sobre algumas das imagens ou sobre a religião, como a mencionada pela aluna Débora, que, para ela, se chama macumba, mas que na verdade o correto seria chamar de candomblé, pois esse é o nome dessa manifestação religiosa. Um dos alunos chamou atenção para a referência do nome usado, “Macumba é o nome de um instrumento de percussão africano. Chamar de macumba é considerado uma forma de preconceito.” Sobre a experiência com essas fotografias, Débora continuou sua fala:

As fotos são bonitas. A do primeiro fotógrafo trazem mais as imagens de atividades das mais diversas, vemos uma pessoa fumando, outras duas jogando capoeira e outras cenas mais comuns. As fotografias do segundo fotógrafo são esquisitas, existem algo como resto de animais, pinturas.

Retornando sobre o caso da colega de escola, ela explica:

A família dela postou as fotografias no Facebook. Parecia ser uma festa, muitas pessoas dançando. No final, algumas imagens dela com uma roupa diferente, a cabeça dela estava raspada, o cabelo dela era lindo, eu nem acreditei quando vi aquilo (o cabelo cortado). Ela estava com o corpo todo pintado e depois colocaram na cabeça dela um líquido vermelho, acho que era sangue de animal.

As fotografias de José Medeiros trouxeram uma lembrança para essa aluna, certamente da relação a uma colega da escola que tinha vivenciado um ritual de iniciação, e que acabou se ausentando por um tempo do convívio da escola, e principalmente sobre a questão da proximidade entre elas, mostrando as diferenças do que muitas vezes era pregado, pois uma pessoa frequentadora dos terreiros pode ser boa.

As fotografias do José Medeiros trouxeram a temática da religiosidade afro-brasileira, e geraram a maior dificuldade no debate no grupo. Alguns alunos alegaram que as fotos não eram bonitas, outros aproveitaram para mexer no celular durante a apresentação das imagens, o que pareceu ser estratégia não muito deliberada para evitar essas fotografias. A temática da religiosidade afro-brasileira tem sido uma das maiores dificuldades de se trabalhar a lei nº 10.639/03, devido a alguns grupos que, por causa de questões religiosas, têm buscado maior enfrentamento. Experiências nesse sentido têm sido trazidas em alguns relatos de professores e em pesquisas como a de Gomes e Jesus (2013).

Nos encontros seguintes, foram apresentadas as fotografias dos fotógrafos negros Seydo Keïta, Lita Cerqueira, Januário Garcia e Eustaquio Neves. Keïta, que era retratista, trazia novos elementos visuais para a fotografia, fazendo uso de tecidos coloridos e estampados no fundo. Isso transformou as características das fotografias coloniais, principalmente por trazer fotografias que fugissem das imagens monocromáticas ou do fundo com paisagens arbitrárias e descontextualizadas, usadas mais para atender demandas dos países colonizadores. Além disso, marcava de forma positiva a identidade do povo de Mali.

Ao fotografar seus clientes, Keïta passou a usar tecidos de fundo com estampas fortes e que eram muito comercializados no atual Mali. Na época da atividade, o Instituto Moreira Salles estava com uma exposição sobre o autor, mas devido a uma questão de agenda dos alunos – que incluía provas das escolas de origem e atividades de encerramento de outras oficinas –, ficou inviável levá-los ao centro cultural. “A importância ‘histórica’ da obra de Seydou Keïta reside incontestavelmente no número (mais de 15 mil) e na qualidade dos negativos que ele soube ciosamente conservar.” (CISSE, 2014, 6).

Além de ter retratado um conjunto diverso de clientes, das mais diversas profissões, Cissé chama atenção para o fato de que boa parte dos objetos utilizados pelos fotografados tinham sido cedidos pelo próprio fotógrafo para a criação do cenário.

Observando as fotografias, uma das alunas mais velhas lembrou sobre o material visto nas aulas anteriores e questionou sobre a produção de autores que fotografavam no período da escravidão no Brasil, fazendo uma ligação das diferenças entre as fotografias dos dois grupos: “Nas fotos apresentadas antes, os rostos pareciam nervosos. Já nessas fotografias as pessoas estão sorrindo, parecem felizes”, diz Cristiane. Provavelmente, a aluna estava se referindo às imagens de Chistiano Júnior e Marc Ferrez.

Realmente existe uma diferença considerável na forma como os fotografados estão diante do fotógrafo. Até quando estão sérios, existe uma postura mais leve na fotografia. As posições são mais descontraídas e é possível observar que o fotografado tinha um interesse em estar mais arrumado para a fotografia, tanto pela escolha das roupas quanto dos objetivos. Podemos pensar também que a própria busca pela fotografia, nos casos anteriores, não era demanda dos negros na condição de escravizados, mas de outros atores coloniais, podendo ser uma demanda dos “donos”, querendo mostrar ou catalogar seus bens, ou dos próprios fotógrafos, que tinham interesse em vender as fotografias para viajantes, curiosos, entre outros possíveis compradores.

Nesse dia, uma das meninas recordou as atividades de dança urbana e comentou ter a sensação de que a postura dos alunos era muito parecida com as das pessoas das fotos mencionadas anteriormente. Ela comentou que os alunos de *hip-hop*, principalmente os monitores, que eram ex-alunos da oficina, sempre chegavam nas aulas muito bem arrumados e algumas dessas camisas traziam referência às personalidades negras americanas. Segundo o Yasmin: “O Kappa (nome artístico de Douglas) e Jhones (nome artístico do Igor Mauricio) têm camisas que fazem referência às personalidades, eles dois têm camisas do Michael Jackson (cantor e dançarino pop) e de outras personalidades negras.”

Os monitores realmente sempre chegavam bem arrumados. Para começar as atividades, eles acabavam trocando de roupa. Muitos usavam camisas que faziam referência a artistas, como Michael Jackson, mas também usavam camisas com imagens de outras personalidades negras. O Jhones já tinha aparecido algumas vezes com a camisa do boxeador Muhammad Ali-Haj¹¹, por exemplo. Sobre as referências dos alunos, acabei perguntando

¹¹ Muhammad Ali-Haj (1942 -2016), nascido Cassius Marcellus Clay Jr., foi um importante desportista, pugilista estadunidense.

quais eles tinham atualmente e se acompanhavam-nas por algum meio. A aluna Cristiane falou sobre as personalidades que costuma seguir na internet, via Instagram: “Eu costumo seguir algumas atrizes e dançarinas, adoro a Rihanna¹², Beyoncé¹³ e a Taís Araújo¹⁴. Também gosto da Bruna Marquezine e sigo alguns amigos da escola.” Outra aluna, Pérola, relatou que seguia algumas cantoras e atrizes, mas destacou perfis de cantoras, como a Iza¹⁵, e o perfil *Africans Braids Designs*, de estética negra, que trazia dicas sobre penteados para cabelos crespos.

Também abordei sobre as fotografias de Lita Cerqueira e Januário Garcia, dois relevantes fotógrafos afro-brasileiros com diversas exposições nacionais e internacionais e que hoje atuam no registro das manifestações culturais afro-diaspóricas. Para os alunos, as fotografias desses fotógrafos mostravam os negros com uma postura mais positiva, sorrindo, interagindo e trabalhando. As fotografias documentam atividades, como o carnaval e a capoeira, além das baianas, que são imagens que fazem parte do convívio dos alunos.

Uma das estudantes, Vivian, olhando a fotografia lambe-lambe da fotógrafa Lita Cerqueira, comentou que conhecia aquele tipo de câmera, pois o irmão dela tinha uma câmera profissional e, às vezes, ela via algumas imagens dessa máquina, quando ele pesquisava na internet. Alguns outros alunos acharam graça na forma e tamanho da máquina. Quanto ao irmão dela, falei que ele poderia vir ao núcleo para conversar um pouco com os alunos, mas infelizmente o contato não ocorreu.

Sobre a baiana do acarajé, um dos alunos falou que reconhecia aquele tipo de preparo, pois existe esse tipo de comércio até os dias de hoje. “Aqui em Copacabana existe uma vendedora dessas. Ela tem uma barraca e vende acarajé e outros tipos de comida.” O comércio de alimentos étnicos, com marcas da cultura afro-brasileira, como o caso do acarajé, está presente em diversos pontos da cidade, e a permanência delas, baianas, ajuda na manutenção de uma resistência muitas vezes silenciosa.

Uma das meninas, no final da aula, pediu para retornar ao início da apresentação. Olhando o conjunto de fotografias, falou que o Januário Garcia parecia ser muito simpático e

¹² Cantora, dançarina e *performer* afro-americana. Instagram: @badgalriri. Tem mais de 60 milhões de seguidores (visualizado em janeiro de 2019).

¹³ Cantora, dançarina e *performer* afro-americana. Instagram: @beyoncei. Tem mais de 125 milhões de seguidores (visualizado em janeiro de 2019).

¹⁴ Atriz e apresentadora afro-brasileira. Instagram: @taisdeverdade. Tem mais de 7 milhões de seguidores (visualizado em janeiro de 2019).

¹⁵ Cantora e compositora afro-brasileira. Instagram: @iza. Tem mais de 4 milhões e meio de seguidores (visualizado em janeiro de 2019). Tem um estilo de cantar e dançar que se aproxima bastante das cantoras norte-americanas, citadas pelos alunos.

que gostaria de dar um abraço nele. A turma pareceu concordar com ela, mas o fato que me pareceu mais interessante foi ver que, no meio de tantas fotografias apresentadas, ela tenha simpatizado com a imagem do próprio fotógrafo negro.

No oitavo encontro, foi apresentado o material de fotógrafos contemporâneos, como Eustáquio Neves com suas colagens e sobreposições. Seus trabalhos, seguindo outros fotógrafos apresentados na oficina, abordam a temática da identidade negra, mas se diferenciam dos demais porque aqueles atuam principalmente com fotografia mais documental – isso se utilizarmos uma visão mais clássica de categorização da fotografia, na qual se divide entre documentais e artísticas.

Segundo a aluna Tânia, a professora Cacau sempre aborda a questão da origem africana. Ela fala muito sobre a história do surgimento do *funk*, *hip-hop* e *break*, e os monitores da oficina costumam usar camisas que fazem referência a alguns ícones negros da cultura pop. Ela também chamou atenção para camisas que traziam imagens do cantor afro-americano Michael Jackson – o que chamou atenção, pela baixa idade em referência ao período de maior sucesso deste artista. Michael foi um cantor e dançarino, negro, norte-americano. Um dos alunos, o Yago, que fez a oficina de *hip-hop*, informou que essas camisas traziam as imagens do Michael Jackson na infância e de uma imagem dele adulto. Segundo o Yago, “Os monitores têm algumas camisas que fazem referências a várias personalidades”.

Voltando sobre essa conversa, Yago comentou que, além da professora, existem os monitores que foram ex-alunos da oficina, e que permaneceram indo ao núcleo, mesmo depois do período de atividades deles como alunos, o que acabou servindo de referência para os alunos. Os monitores, que são jovens negros e com idade muito próxima a dos alunos, também acabaram servindo como referência.

Para André Rouillé (2009), desde o início das fotografias, as possibilidades de produção de imagens documentais e artísticas estiveram presentes como uma forma de produção fotográfica, mas durante anos o olhar sobre a fotografia ficou convencionado à questão de uma predominância do discurso objetivista, ligado à ciência e à modernidade, em detrimento de uma visão da fotografia como forma de expressão artística, que já estaria presente desde os primeiros anos de atividade, com as fotografias que criavam narrativas próprias, ou na qual os fotógrafos interferiam diretamente na imagem, com cortes, arranhões para modificar as representações.

Após apresentadas as imagens, os alunos tiveram o interesse em saber como elas eram produzidas. Alguns chegaram a imaginar a possibilidade de juntar duas ou mais imagens como forma de criar uma única. Sobre elas, os alunos ficaram questionando quanto à possibilidade desse tipo de produção, pois a maioria deles não pensava na possibilidade de produzir fotografias do tipo. As fotografias do Eustáquio Neves chamaram mais atenção por conta dos recursos usados pelo fotógrafo do que pelas pessoas e temas fotografados.

Finalizando a conversa sobre fotografias, no último dia deixei para eles falarem um pouco sobre a impressão do encontro e da oficina como um todo ou alguma outra coisa que pudesse colaborar com a atividade. Os alunos retornaram sobre a temática da oficina de *hip-hop*. A turma falou que poderia em algum momento fotografar as aulas de *hip-hop* e a apresentação deles.

A aluna Cristiane, apesar de não fazer a oficina de *hip-hop*, participava de outras oficinas do núcleo. Ela quis fazer um relato sobre um problema enfrentado na oficina de teatro devido à proposta de trabalho da professora com alguns contos africanos: “Na oficina de teatro, pude compreender algumas questões referentes à riqueza das histórias africanas, mas o início foi muito difícil.” Ela explica que sentiu dificuldades nas primeiras aulas, pois a professora incluía nas aulas alguns cânticos africanos. “No início, nós reclamamos muito em ter que fazer, principalmente cantar as músicas. Algumas meninas até saíram da oficina.” Segundo o relato da aluna, a professora de teatro escutou a reclamação e começou a trabalhar somente na escolha das histórias. Depois, quando os alunos já estavam mais familiarizados com a proposta e com a riqueza dos contos africanos, ela retornou com a proposta da música para a turma.

A oficina serviu como uma forma de trocar informações sobre a história dos negros na fotografia, trazendo a possibilidade de conversar sobre a representação do outro, uma questão bastante atual em tempos de internet e barateamento das máquinas fotográficas nos celulares. Mas também como um meio de conversar com os alunos e perceber que eles têm convivido em alguns espaços escolares com a temática da história e da cultura afro-brasileira e africana, seja em projetos ou mesmo nas escolas. Tendo em vista que os alunos, apesar de muitas vezes não conhecerem a imagem, conhecem alguma informação sobre algo referente a ela, como o fato das vestimentas que os negros usavam no período da escravidão, sobre o uso de sapato ou não.

A oficina, que iniciou com a proposta de abordar os negros na fotografia, trazendo elementos para a reflexão dos alunos sobre a história africana e afro-brasileira, acabou dividindo os negros como foco do olhar de um fotógrafo não negro, enquanto, em um segundo momento, foram tratados os fotógrafos negros.

Se inicialmente a proposta era uma divisão entre as fotografias desses dois momentos, agora parece uma possibilidade para uma futura oficina com o enfoque somente em fotógrafos negros, uma forma de atuar com uma oficina que traga somente fotógrafo e produtores negros, valorizando um conjunto maior de fotógrafos negros e, assim, divulgando ainda mais trabalhos desses profissionais. “Ainda mais” porque eles trazem elementos da sua vida, seja a identidade ou questões referentes à sua história, suas produções, possibilitando, assim, ainda mais um aprofundamento no trabalho com a lei nº 10.639/03.

Conclusões

Além de seu caráter reflexivo, a oficina buscou pautar-se na premissa de que a introdução de temas ligados à cultura afro-brasileira e africana é algo necessário, pois esses são temas que precisam ser cada vez mais abordados na escola nas suas múltiplas possibilidades. Apesar de parecer existir uma morosidade na produção de materiais escolares para a implementação da lei nº 10.639/03, alguns trabalhos têm sido produzidos pelos próprios professores, e na oficina foi possível observar no discurso dos alunos as referências deles aos trabalhos com os quais já tiveram contato.

Na construção dessa oficina, a necessidade de apresentar aos alunos imagens cada vez mais positivas sobre os negros também foi uma das preocupações do processo. Para tanto, foram apresentados trabalhos de fotógrafos brancos e negros, com o intuito de apresentar algumas questões históricas sobre as imagens e refletir sobre o modo como os alunos compreendiam as imagens. Essa estratégia não desconsiderou que as imagens podem ser atravessadas por distintos significados, elas são cheias de possibilidades de interpretação e a moderação, legenda ou conversa sobre elas se fazem muito importantes.

A construção e o resultado do processo construído ao longo da oficina nos levam a concluir que, ainda que a fotografia seja acessível e esteja presente na vida cotidiana de alunos e alunas de diferentes classes sociais, a escola cumpre um papel fundamental na construção da produção de sentido que jovens e crianças podem elaborar sobre as imagens produzidas. No grupo, num espaço de diálogo crítico e provocativo, as compreensões e

reflexões são potencializadas, estigmas são desconstruídos e que novos olhares e construções de discursos possam emergir, pautados por um conjunto de intenções, especialmente ao serem abordados por lentes históricas e sociais.

Essas considerações são necessárias, pois são diferentes do senso comum, e mesmo que enfatizem o caráter não tão objetivo da fotografia, talvez possam ajudar a ressaltar o quanto as escolhas subjetivas envolvidas na produção de uma fotografia impactam na produção de fotógrafos e de produtores de imagens (BARTHES, 2015). Nesse sentido, se faz necessário que a escola ou outros espaços possam abordar mais temas ligados aos contextos históricos ou sociais da fotografia, contribuindo, assim, para o debate crítico e reflexivo sobre a imagem como integrante de um conjunto de narrativas sobre o nosso tempo. Compreender questões relativas ao passado pode fazer com que possamos compreender as escolhas dos fotógrafos no presente.

Outro ponto que merece destaque diz respeito à própria produção dos aparelhos, acessórios e recursos das câmeras fotográficas, uma vez que até esses artefatos estariam impregnados de elementos da subjetividade humana, conforme enfatizou Roth (2016). Durante muitos anos, os filmes fotográficos da Kodak tinham dificuldade em capturar imagens de pessoas negras, devido às impossibilidades dos filmes que foram criados para atender uma demanda de um mercado de consumidores brancos. Problemas bem parecidos foram encontrados nas câmeras com tecnologias digitais e nos sistemas de reconhecimento facial, no qual negros seriam confundidos com animais ou não reconheciam as características dos olhos asiáticos.

No contexto escolar, além de incentivarem o uso de produção de fotografia por parte dos alunos, talvez seja necessário abordar como as imagens são produzidas com uma intencionalidade de discurso ou inseridas dentro de um contexto de compreensão do outro.

Apesar de inicialmente considerar a importância de focar na produção dos fotógrafos negros, uma das possibilidades de abordagem sobre fotografia nessa experiência visou abordar uma educação antirracista. Pareceu-me coerente abordar a forma como os negros foram retratados em alguns períodos da história brasileira. Os fotógrafos brancos, por exemplo, estiveram pouco atentos aos problemas enfrentados pelos negros, seguindo a lógica de uma sociedade racista. Mesmo nesse período, também me pareceu pertinente reforçar, como enfatiza Schwarcz (2018), a forma como os negros eram retratados nas fotografias coloniais, reforçando a atitude do negro que, mesmo em um sistema violento, ainda se

mostrava resistente pela maneira como se posicionavam diante do fotógrafo, como reforça algumas imagens de Militão Augusto e de outros fotógrafos.

Com o uso de imagens de fotógrafos negros, podemos observar o uso da fotografia como forma de denúncia das mazelas de uma sociedade desigual, mas também a elevação da autoestima, valorizando a beleza e a cultura negra. Por isso, a necessidade de abordar um conjunto de imagens positivas e, principalmente, abordar as fotografias pela perspectiva dos fotógrafos negros, como forma de possibilitar a apresentação desses materiais para os alunos, provocando reflexões sobre a posição do negro na sociedade, e como uma forma de valorização dos negros.

A realização da oficina nos sensibiliza no sentido de que se faz necessário o diálogo com fotógrafos e intelectuais negros, como forma de construir um discurso a partir do ponto de vista desses produtores, buscando a valorização de um discurso decolonial, tomando como pressuposto os intelectuais-fotógrafos do Atlântico Negro, que constroem narrativas sobre suas formas de vida e sobre a sociedade, tensionando e fissurando os discursos hegemônicos no qual somente os discursos eurocêntricos ou com uma lógica eurocêntrica tinha valor.

A fala de uma das alunas, dizendo que o Januário Garcia parecia muito simpático na foto e que gostaria de dar um abraço nele, talvez sensibilize quanto à importância de fotógrafos e intelectuais negros estarem cada vez mais presentes na escola, como forma de mostrarmos a necessidade de trabalhar mais fotógrafos ou intelectuais negros. Nesse sentido, estou propondo uma nova oficina sobre a fotografia a partir do olhar de fotógrafos negros, trazendo informações e, quem sabe, experimentos com os alunos para produzirem imagens a partir da perspectiva desses autores.

Concluimos assim que as imagens fotográficas têm grande potencial para uma abordagem decolonial que vise a desconstrução de práticas racistas na escola, por meio de oficinas, como prática pedagógica, seja para a implementação da lei nº 10.639/03, seja para a sensibilização de crianças e jovens na problematização crítica dos contextos socioculturais dos quais fazem parte e participam. A aceitação da metodologia empregada e o interesse dos alunos nos fizeram classificar o experimento como exitoso, daí a necessidade do registro e da divulgação. Consideramos que, assim, os experimentos docentes poderão circular, fortalecendo a luta pela efetiva implementação da lei nº 10.639/03.

Referências

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, set./dez. 2008. Disponível em: <https://goo.gl/PpyVVv>. Acesso em: 2 fev. 2018.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, 1).

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 [...] para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

CHIMAMANDA Adichie: O perigo da história única. [S.L.], 2012. digital (18 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>. Acesso em: 27 jul. 2023.

CISSÉ, Youssouf Tata. O fotografo, “feiticeiro comedor de homem”. In: KEITA, Seydou. PHOTO POCHE. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

GOMES, Nilma Lino; JESUS, Rodrigo E. de. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 47, p. 19-33, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/QFdpZntn6nBHWPXbmd4YNQf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 jul. 2023.

GONÇALVES, Maria Alice Resende; PEREIRA, Vinícius Oliveira. Contexto histórico das políticas racializadas e a emergência de novas etnicidades. E a emergência de novos discursos “racializados” no sistema de ensino: as possibilidades e desafios da lei 10.639/03. *Revista Teias*, v. 14, n. 34, p. 33-48, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2tMN464>. Acesso em: 27 jul. 2023.

PORTAL RioEduca. Disponível em: <https://goo.gl/Rt4Nj1> 2018. Acesso: 18 jul. 2018.

ROTH, Lorna. Questão de pele: os cartões Shirleu e os padrões raciais que regem a indústria visual. *Revista ZUM*, Instituto Moreira Salles, v. 10, 2016.

ROUILLÉ, André. *A fotografia*: entre o documento e a arte contemporânea. Tradução Constância Eggejas. São Paulo: Editora Senac, 2009.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 9, N. 2 - p. 102-122, mai - ago de 2023: “Dossiê: 20 anos da Lei 10.639: Conversas Curriculares Entre Saberes, Práticas e Políticas Antirracistas”. DOI: <https://doi.org/10.12957/riae.2023.73648>

SCHWARCZ, Lilia M. Sobre as imagens: entre a convenção e a ordem. In: SCHWARCZ, Lilia M.; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

THEODORO, M. *A sociedade desigual: racismo e branquitude na formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.